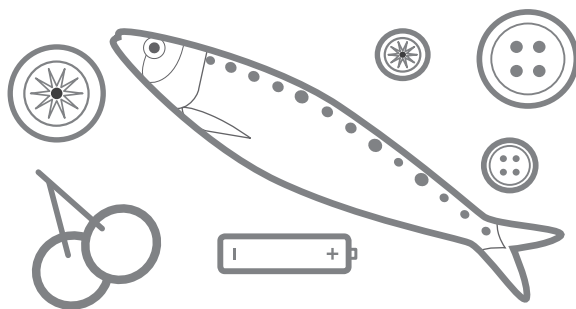




RICARDO
ARAÚJO PEREIRA



MIXÓRDIA
DE TEMÁTICAS

SÉRIE LOBATO

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXIX

© 2019, Ricardo Araújo Pereira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: (0035) 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Mixórdia de Temáticas*
— *Série Lobato*
Autor: Ricardo Araújo Pereira
Revisão: Tinta-da-china (M. Alfaia)
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.^a edição: Junho de 2019

ISBN: 978-989-671-494-9
Depósito Legal n.º 456514/19

ÍNDICE

Ronaldicultura	9
Klan em Infesta	13
Saudosas embriaguezes	15
Ingestão de aracnídeos	18
Comédia sobre líquido sinovial	22
O flagelo da Violetta na primeira pessoa	25
Tentem adoecer menos	28
Lírica condominiana	31
Os problemas dos bombeiros	34
Belezas repugnantes	36
Em que habitat?	39
O gato: um adorável bicho demoníaco	42
Borrasca fustiga indivíduo	45
Polêmica na ingestão de frutas	48
Histórias trágicas de Carnaval	52
Crianças-modelo	54
Nalgas em Tomar	58
Carpetismo vermelhismo	61
Mentol no matraquilho	65
Umbadá: never forget	68
Julie Andrews e eu, a mesma luta	71
Exame a bugigangas	75

Estupidezes que cometi quando era criança	79
Certas e determinadas modas	83
Alguns factos proporcionam coboiadas	87
Jedi de Fafe	90
The people <i>versus</i> Nuno Markl	93
Tipologia de bêbados	97
Pelo fim do Dia do Pai	100
Pela legislação das sopas de legumes	103
Chinês: precisa-se	106
Nova e moderna estupidez	109
Rixa de aromas	113
Roupa de andar em casa	117
Considerações dietéticas	120
Momento vai lá tu	124
Esguichar para crer	130
Ensacamento: principais questões	133
Um abafador para Luís Vaz	137
Bácoro marxista falece	140
Filmes que Vítor Lobato não percebe	142
Férias de sonho que vivi com minha esposa	145
Veraneio	148
Anita vai à conservatória	151
Samantha Fox explica acordo	155
Filosofia do <i>snooze</i>	158
Saber estar perante sardinhas	160
Telescola para mitras	163
Os cromos da alma	165



RONALDICULTURA

PEDRO: Hoje, em Mixórdia de Temáticas, mais um contributo para a salvação do país. Amândio Lobato, bom dia. Qual é a sua ideia?

EU: Olhe, é uma ideia que me ocorreu ontem, quando o Ronaldo ganhou a terceira bola de ouro. E que é esta: a maneira de Portugal sair desta crise, como é evidente, é a gente fazer criação de Ronaldos.

VANDA: Criação de Ronaldos?

EU: Exacto. Porque eu pus-me a fazer contas. Há dez milhões de portugueses. E um Ronaldo. Portanto, o nosso país tem a capacidade de produzir um Ronaldo em cada dez milhões. Se nós fôssemos vinte milhões, havia dois Ronaldos. Trinta milhões, três Ronaldos. Portanto, é uma questão de a gente se reproduzir mais. Agora, eu sei o que é que vocês estão a pensar: «Mas, ó Amândio, então porque é que a China não tem duzentos Bruce Lees?»

VASCO: Incrível, era exactamente o que eu estava a pensar.

EU: Pois. Mas é que os chineses não são como nós. Não conseguem produzir um Bruce Lee por cada dez milhões de gajos.

Com muita pena minha. Vocês imaginem o que seria o mundo com duzentos Bruce Lees. Ninguém levantava cabelo, andava tudo certinho. Mesmo guerras, não havia. Por exemplo, o gajo da Coreia do Norte. Vamos supor que se lembrava de fazer uma guerra. Nem era preciso irem todos, bastava a gente mandar vinte ou trinta Bruce Lees, só. A aviarem chapada em Pyongyang. Já não havia guerra nenhuma.

NUNO: Sr. Amândio, os Bruce Lees, como é que intervinham nos conflitos? Sob tutela da ONU?

EU: Por exemplo. O meu tio tem um barracão em Alenquer que está vazio, por causa de um negócio de carnes que correu mal, e aquilo, bem recuperado, dava um quartel para Bruce Lees. Treinos, alojamento, tudo. É questão de a ONU falar com o meu tio. Às vezes há infra-estruturas já feitas que basta adaptar.

PEDRO: Mas voltando à sua ideia, Amândio.

EU: Ah, exacto. A Ronaldicultura. A questão é esta: nós temos de nos reproduzir mais. Conseguimos produzir um Ronaldo por cada dez milhões de portugueses. Se nós fôssemos cem milhões, havia dez Ronaldos.

VANDA: Já só faltava um para termos uma equipa de futebol completa.

EU: Não era preciso, minha senhora. Numa equipa com dez Ronaldos a gente mete um gordo qualquer à baliza.

VASCO: Isto da criação de Ronaldos é uma estupidez.

EU: Não é, não. Estupidez é a criação de chinchilas. Porque é uma moda. Eu tenho amigos que fazem e eu já lhes disse: «Eh pá, qualquer dia passa a moda e vocês ficam com cem ou duzentos chinchilas em armazém.» Agora, para Ronaldos há sempre procura.

NUNO: Isso é verdade. Mas o povo português tinha de se reproduzir muito para atingir os cem milhões, sr. Amândio.

EU: Ó Nuno, isto é um projecto a longo prazo.

VASCO: Mesmo que o povo português conseguisse reproduzir-se dessa forma, como é que cem milhões de pessoas cabiam em Portugal?

EU: Caber até cabiam, porque este país, com jeito, tem espaço para mais gente. Agora, o trânsito ia ficar pior. Tínhamos todos de nos levantar dez minutos mais cedo.

NUNO: Se calhar, algumas pessoas tinham de ir viver para o estrangeiro, sr. Amândio.

EU: Não, não, que nós precisamos de toda a gente. Mesmo os putos que não sejam Ronaldos dão jeito, quanto mais não seja para peças. Transplantes. Um joelho que se escangalhe nalgum Ronaldo, ou assim.

VASCO: Tudo isto é absurdo. Você ainda não explicou como é que os portugueses vão reproduzir-se dez vezes mais. E como é que cem milhões de pessoas vão caber num país onde sempre couberam dez.

EU: Meu amigo, você é impertinente e ainda não percebeu que isto é uma coisa que foi pensada. Número um: como é que se

reproduzem dez vezes mais? É muito simples. A malta tem de andar dez vezes mais sensual. Número dois, onde é que cabe? Você parece que não ouve. O meu tio tem um barracão em Alenquer.

{12}

KLAN EM INFESTA

PEDRO: Hoje, em Mixórdia de Temáticas, um caso real. A história de vida impressionante de David Lobato. David, o que é que lhe aconteceu?

EU: Olhe, isto é a história de uma vez em que eu estava em casa, em São Mamede de Infesta, deviam ser umas duas da manhã, e nisto aparece-me na sala um indivíduo do Ku Klux Klan.

NUNO: Do Ku Klux Klan? A organização de extrema-direita norte-americana?

EU: Exacto. Aparece-me na sala, coberto pelo lençol branco. E digo eu: «Meu amigo, o senhor vai retirar-se imediatamente porque eu sou contra tudo o que seja racismos. A sua organização é criminosa e além disso não faz sentido haver organizações chamadas ku. Como se não bastasse o resto, que já é grave, vocês ainda estão a dar mau nome ao ku.»

VASCO: E o que é que disse o indivíduo do Ku Klux Klan?

EU: Diz ele: «Não, mas eu sou um fantasma.» Digo eu: «Dá-me igual. Sou contra fantasmas do Ku Klux Klan. Até podia ser um morto-vivo. Tem de respeitar as pessoas de todas as raças.»

E ele: «Não, mas eu não sou do Ku Klux Klan.» E eu: «Mas então para que é o lençol, amigo?» E ele: «É tradicional, os fantasmas aparecem sempre assim.» E eu: «Está mal. Deviam arranjar outra farda. Assim, parece que são do Ku Klux Klan. Cada actividade deve ter a sua farda. Mesmo dentro da polícia, os da PSP não vestem igual aos da GNR, para a gente saber qual é qual.» E diz ele: «Mas porque é que havia de aparecer um indivíduo do Ku Klux Klan às duas da manhã em São Mamede de Infesta?» E eu: «Meu amigo, São Mamede de Infesta está com uma dinâmica muito forte em termos de turismo.» E ele: «A sério?» E eu: «Sim, sim.»

PEDRO: Então e depois?

EU: Depois digo eu: «Mas então você vinha para quê? Era para assombrar?» E ele: «Olhe, com esta conversa toda já nem me lembro.» E eu: «Pois, estas confusões da farda é no que dão.» E ele: «Ah, já sei. Vinha trazer-lhe um recado da sua mãe.» E eu: «Mas a minha mãe está viva.» E ele: «Mau. Isto não é o segundo direito?» E eu: «Não, isto é o primeiro direito.»

VASCO: A falta de profissionalismo desse fantasma.

EU: Exactamente. Gera-se um silêncio muito chato, e diz o fantasma: «Você o que é que acha da comida picante?» E eu: «Gosto. Embora às vezes seja agradável a entrar mas aleije a sair.» E pronto, ficámos assim.

SAUDOSAS EMBRIAGUEZES

PEDRO: Problemas em Ferreira de Palhais. A histórica vila vive dias muito complicados. Conosco está Edmundo Lobato, para nos explicar tudo. Edmundo, o que é que se passa?

EU: Olhe, o que se está a passar em Ferreira de Palhais é dos maiores escândalos de abandono das populações do interior que eu já vi na minha vida.

VANDA: Fecharam a escola?

EU: Não, a escola funciona.

VASCO: Não há serviços de saúde?

EU: Há, temos uma clínica boa, até. A questão é esta: nós estamos há oito meses sem um bêbado.

NUNO: Sem um bêbado?

EU: Exacto. Oito meses. O nosso bêbado era o Azevedo. Faleceu em Maio. Estamos sem bêbado desde essa altura. E a autarquia não faz nada. É triste. A população está indignada porque o Azevedo era um excelente bêbado. Tinha bebedeiras

lindas, modernas. Dava gosto vê-lo intoxicar-se. Era um alcoolismo espectacular. Porque o Azevedo foi um homem que inovou muitos aspectos do bêbado. Não era só beber, resmungar e ter o nariz vermelho. Era um bêbado muito completo. Tinha a euforia, tinha a desinibição social, tinha a descoordenação motora — todas as características essenciais. E não há uma homenagem, não há uma placa comemorativa, não há nada.

PEDRO: Mas o bêbado faz falta?

EU: Meu amigo, nós somos uma vila tradicional. Há três indivíduos que são fundamentais para nós: é o maluco, é o aleijado e é o bêbado. A maior parte das vilas não tem nenhum, ou só tem um. Máximo, dois. Ferreira de Palhais sempre teve tudo. O maluco é o Vítor, que é um indivíduo que uma vez ficou fechado num palheiro com um *bidon* de diluente. Ficou muitas horas a respirar vapores e agora julga que é a Simone de Oliveira. O aleijado é o Martins, que levou uma cornada de uma vitela. Durante dois dias ficou maluco. Andava tudo preocupadíssimo, porque já tínhamos um maluco, não interessava ter outro. Mas depois felizmente passou-lhe e ficou só com uma perna torta. Valeu a pena atirar-lhe a vitela. E o bêbado era o Azevedo. Agora faz-nos falta o bêbado.

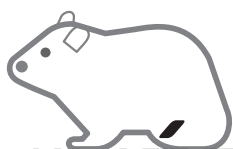
VANDA: Mas faz falta porquê?

EU: Ó minha senhora, porque o bêbado é um indivíduo que é essencial no tecido socioeconómico. Não é só a alegria que dá, nos arraiais, a dançar sozinho e a chorar por causa de coisas antigas. O bêbado dinamiza muito a economia. Está sempre a partir a cabeça. O nosso médico comprou uma casa em Benidorm só com os curativos que fez ao Azevedo. E o bêbado esbarra muito com veículos. Duas oficinas já fecharam, desde

que o Azevedo faleceu. E o médico tem a clínica às moscas. Já anda a escamotear remédios aos velhos, a ver se ficam meio aparvalhados, que é para continuarem a ir ao consultório. É neste ponto que nós estamos, repare. E o ministro da tutela ri-se.

VASCO: Quem é o ministro da tutela?

EU: Não sei, mas eu, naquelas cimeiras, vejo-os todos a rir. Alguém tem de designar um bêbado novo para Ferreira de Palhais. E fazer a homenagem que eu já tenho toda organizada. Com foguetes, bifanas... E o Vítor vai cantar «A Desfolhada».



MIXÓRDIA DE TEMÁTICAS

foi composto em caracteres HoeflerText e impresso na
Guide, Artes Gráficas, em papel Coral Book de 90 g,
no mês de Maio de 2019.